



# ENTRESPAÇOS: CARTOGRAFIAS DE UMA PESQUISA-INTERVENÇÃO

**BETWEENSPACES: RESEARCH-INTERVENTION CARTOGRAPHIES**

Maria Luísa Nogueira\*, Jardel Silva\*, Deborah Oliveira\*, Filipe Souza\*, Gabriela Faria\*

## Resumo

*A cidade se apresenta como espaço de produções éticas, estéticas e políticas. Nesse cenário, como pensar a relação espaço e subjetividade? Apresentamos neste texto a intervenção Entrespaços, parte integrante de um projeto de pesquisa multidisciplinar realizado no período entre 2013 e 2015. Neste processo, desenvolvemos duas Oficinas de Intervenção Urbana, realizadas na cidade de Belo Horizonte (BR) e Poitiers (FR), tendo como ponto de partida experiências de deriva, inspiradas nos Situacionistas, bem como outros recursos poético-políticos usados para detonar processos expressivos e de reflexão sobre a temática em questão. Relatamos o processo de criação de Oficina, bem como os pontos teóricos iniciais e parciais atravessados. Colocamos em foco a questão do tensionamento da relação entre Ciência e Arte. Entendemos que a nossa produção de conhecimento segue na contramão dos receituários metodológicos hegemônicos, por admitirmos o caráter inventivo fundante de uma Ciência-Saber Arte, mas reconhecemos também as dificuldades de se conferir um rigor técnico com o qual pudéssemos mensurar o que nosso trabalho havia nos apresentado. E é diante dessas circunstâncias que voltamos a nos debruçar em memórias, imagens, escritos e conversas que pudessem cartografar esse percurso caminhado até aqui, por meio deste relato de experiência.*

**Palavras-chave:** cidade; espaço; subjetividade; intervenção urbana; metodologia de pesquisa.

## Abstract

*The city presents itself as a space for ethical, aesthetic and political productions. In this scenario, how to think the relation between space and subjectivity? In this text is presented the Entrespaços intervention, part of a multidisciplinary research project carried out between 2013 and 2015. During this process, we led two Urban Intervention Workshops, held in the city of Belo Horizonte (BR) and Poitiers (FR), with the starting point of drift experiences, inspired by the Situationists and other poetic-political resources used to unleash expressive processes and reflections on the subject in question. Now we describe the creation process of the workshop, as well as the initial and partial theoretical views traversed. We bring into focus the tensioning relationship between Science and Art. We believe that the production of knowledge we propose goes against the hegemonic methodological prescriptions, by admitting the inventive founding character of a Science-Knowledge Art; but we also recognize the difficulties in granting a technical severity with which we could measure what our work has displayed. It is through this experience report and under these circumstances that we return to dwell in memories, images, records and conversations that could map the path traversed.*

**Keywords:** city; space; subjectivity; urban intervention; research methodology.

## 1. A experiência de pesquisa

Habitar a cidade não sem, antes, se perguntar: como a cidade me afeta? Como a cidade me habita? Aqui, esses pronomes oblíquos são ponto de partida, partes de uma metodologia que foi se criando com a própria experiência de pesquisa. Nosso objetivo era compreender a relação espaço e subjetividade, dois objetos que são inapreensíveis de modo estático. Assim, concordando com Cássio Hissa, entendemos que “pesquisar é construir cartografias para além dos lugares representados pelos croquis, fazer percursos e mapeamentos enquanto se faz a trajetória” (2013, p. 45).

A experiência urbana em nossa contemporaneidade tem suscitado inúmeras questões importantes. Sejam as disputas simbólicas e materiais que cotidianamente são travadas pelos diferentes grupos, ou pelo efervescente movimento de ocupar a cidade, evidenciando sua condição de espaço democrático de direitos, é possível perceber através de pensadores como David Harvey e Henri Lefebvre o quanto é urgente pensar e intervir na cidade, para além do saber dos especialistas-planejadores-burocratas, entrando em contato com as produções sensíveis – essas vozes dissonantes que enriquecem o viver em comum – e que tanto nos intrigam.

Em nossa pesquisa, ao propormos o desafio de experimentar a cidade por uma lógica contrária à hegemônica, que tem se revelado excludente e segregadora, fez-se necessário perceber a serendipidade inerente aos encontros que as ruas nos proporcionam. Para Lefebvre (2008), a cidade precisa ser tomada como objeto e entendida como um espaço para as contradições e diferenças, “o espaço não é apenas organizado e instituído. Ele também é modelado, apropriado por este ou aquele grupo, segundo suas exigências, sua ética e sua estética, ou seja, sua ideologia” (LEFEBVRE, 2008, p. 82).

Sendo assim, nesse ambiente de disputas ideológicas, éticas e estéticas, começamos a nos organizar enquanto coletivo de pesquisa e intervenção Entrespaços em dezembro de 2013, quando os interessados em formar esse coletivo se reuniram para falar dos seus desejos enquanto artistas e pesquisadores. Começamos cheios de questões, mas sem o compromisso de encerrar, em nossas ações, as suas respostas. Para nós, era importante “pensar a pesquisa como um dialógico exercício de arte” (HISSA, 2013, p. 41). Essa relação ciência-arte, pouco convencional, apresenta-se, para nós, não por serem esses saberes superiores e infalíveis, ao contrário, por serem dois campos de pensamento e ação marcados pela invenção e pela desestabilização que são, por sua vez, ingredientes da experiência de produção de subjetividades. Assim, nosso processo de pesquisa buscou partir de uma ciência inventiva, que não se satisfaz no uso de receitas metodológicas, mas que buscava a produção do saber no próprio experimentar.

Essa postura nos trouxe riscos em alguns momentos, principalmente naqueles em que nos dávamos conta de que estávamos lançando pontos fora da reta, ou seja, fazendo ciência contracorrente, fora dos moldes cartesianos. A questão forte que emergiu depois de um tempo de experimentação foi: como legitimar a nossa experiência de pesquisa? Havíamos traçado diversos vetores de ação e construído reflexões transdisciplinares, mas não sabíamos o que elas significavam e, tampouco, como sistematizar o vivido.

Jorge Larrosa Bondía, em artigo sobre a experiência e o saber da experiência, relembra-nos que “tanto nas línguas germânicas, como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo” (2002, p. 25). Fomos percebendo com o tempo que “toda pesquisa inventa um projeto” e que ele é “uma representação do que é movente, por natureza.” (HISSA, 2013, p. 53-54). Com isso, encorajados por Gonçalo M. Tavares – que em Breves notas sobre a ciência nos conta: “tu não usas uma metodologia. Tu és a metodologia que usas” (2006, p. 62) – acreditamos que a melhor postura era assumir esses riscos e ir descobrindo com o tempo o que estávamos produzindo.

## 2. As escolhas metodológicas

Em dezembro de 2013, realizamos uma primeira deriva coletiva no centro da cidade de Belo Horizonte (MG), que consistia em caminhar em bando seguindo o ritmo de alguma outra pessoa na rua. A inspiração para essa prática surgiu da experiência da Internacional Situacionista [1], bem como de escritos de Lefebvre, como “Seen from the window” [2]. Reconhecemos, em acordo com a análise de Carlos Fortuna (2008, p. 16), que foi com Henri Lefebvre e os Situacionistas, a partir das décadas de 1960/1970, que o “aprofundamento da análise reflexiva sobre a cidade” passou a incorporar o olhar das ruas e do cotidiano. Desse modo, buscamos traçar trajetórias teórico-metodológicas que favorecessem esse olhar.

Na perspectiva situacionista, a deriva, esse caminhar solto pela cidade é entendido como

*uma técnica de passagem rápida por ambiências variadas. O conceito de deriva está indissoluvelmente ligado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico-constructivo, o que o torna absolutamente oposto às tradicionais noções de viagem e passeio.*  
(JACQUES, 2003, p. 87)

A deriva, ao longo de todo o nosso processo de criação e experimentação, foi uma das técnicas mais utilizadas por percebermos a instauração de uma nova temporalidade, diferente do ritmo cotidiano

[1] Trata-se de um coletivo poético-político que teve visibilidade na cena europeia nos anos 60, formado por pensadores, militantes e artistas de várias nacionalidades e diversos perfis estéticos. Os nomes mais conhecidos são Guy Debord, Constant Nieuwenhuys e Raoul Vaneigen.

[2] Seen from the window (LEFEBVRE, 2004) é um ensaio em que ele compreende a si mesmo como sujeito observador da cidade para alcançar uma perspectiva em que se percebe como parte da cidade, ou, como sugerem Eleonore Kofman e Elizabeth Lebas, tradutoras para a língua inglesa da compilação Writings on Cities com textos de Henri Lefebvre: “partindo de sua posição como sujeito e seu corpo, ele alcança o movimento do mundo fora dele e liga os dois”.

acelerado. Essa ruptura se dava a partir da contraposição aos usos pré-definidos que o capitalismo neoliberal instituiu (SILVA, 2008).

Atualmente, a deriva parece ter retornado ao cenário acadêmico como estratégia metodológica inovadora. Contudo, é preciso cuidado para que seu uso não seja caricatural ou anacrônico. Isto é, ao trabalhar com a deriva situacionista não se pode fazer exatamente uma deriva situacionista. A deriva não foi desenvolvida pelos Situacionistas como instrumento metodológico para pesquisa.

Os Situacionistas buscaram, de certa forma, avançar no ready-made urbano dos Surrealistas, procurando encaminhar continuidade e radicalidade às propostas Dadaístas e Surrealistas. Não apenas retomar esses projetos, mas superá-los, de modo a realizá-los de forma melhorada: a arte, a política, a vida. A deriva é um exemplo disso, na medida em que essa exploração da cidade, com elaboração de mapas detalhados, reflexivos, afetivos, é uma espécie de resposta sistematizada ao aspecto pessoal – subjetivo – da produção surrealista. A deriva era uma técnica para construção de outra realidade urbana, não apenas para entrar em contato com as surpresas da cidade, como faziam os Surrealistas. Ainda que se possa identificar certo refinamento ou sofisticação, inclusive em termos de objetividade, na proposta situacionista, em contraste com seus antecessores, podemos afirmar que a Psicogeografia não serve para “medir o impacto emocional do espaço urbano”, conforme sugere Merlin Coverley [3]. Portanto, parece interessante ceder a essa provocação e reconhecer que, de certa forma, os situacionistas apresentaram poucos exemplos efetivos de suas práticas psicogeográficas. Como um modo de experimentar-pensar-andar essas questões, organizamo-nos, ao longo de 2014, enquanto coletivo.

*uma ou várias pessoas que se dediquem à deriva estão rejeitando, por um período mais ou menos longo, os motivos de se deslocar e agir que costumam ter com os amigos, no trabalho ou no lazer, para entregar-se às solicitações do terreno e das pessoas que nele venham a encontrar.*  
(JACQUES, 2003, p. 87)

Encontrávamo-nos todas as segundas-feiras, quando realizaríamos experimentações no espaço da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e de outros espaços da cidade de Belo Horizonte. Como exercício de horizontalidade, a cada encontro, um integrante ministraria uma oficina, cujo tema teria uma única regra: dialogar com as nossas discussões teóricas sobre espaço, subjetividade e arte.

Durante o processo, talvez ainda não nos déssemos conta de que oficinas artísticas pudessem ser uma tecnologia de pesquisa e intervenção. Visitando a experiência de pesquisa “ArteUrbe: oficinas estéticas com jovens da/na cidade”, realizada em Florianópolis (SC),

[3] “For measuring the emotional impact of urban space” (COVERLEY, 2010, p. 24).

podemos perceber essas oficinas como um potente dispositivo de intervenção, cujos exercícios propostos intervêm na maneira de nos relacionarmos com a cidade, com os outros e com nós mesmos. É uma possibilidade de “provocar mudanças nos modos de olhar a cidade e nela habitar, modificações estas que, mediadas pela arte, estão inexoravelmente conectadas com processos de reflexão de questões éticas e políticas mais amplas” (ZANELLA; BRITO; CARVALHO; ROZENFELD, 2014, p. 220).

Virgínia Kastrup, em artigo sobre a aprendizagem a partir da obra de Deleuze, discute que a arte no processo de aprendizagem se desenvolve “numa tensão permanente entre a invenção de problemas e a solução de problemas” (2005, p. 1280). As nossas oficinas eram construídas justamente a partir de questões: Como estudar a relação cidade e subjetividade? Como desembrulhar tempos e usos que moram na cidade? Como recolher imagens e vozes que se misturam ao ruído urbano? Como os processos sociais impactam os modos de produção do espaço e subjetividade?

Entendemos a subjetividade como uma produção sócio-histórica, parte dos processos que foram se transformando ao longo do século XX.

*a subjetividade se produz na relação de forças que atravessam o sujeito, no movimento no ponto de encontro das práticas de objetivação pelo saber/poder com os modos de subjetivação: formas de reconhecimento de si mesmo como sujeito da norma, de um preceito, de uma estética de si.*

(PRADO FILHO; MARTINS, 2007, p. 17)

Entendendo a oficina como espaço de intervenção, temos então que “a aprendizagem surge como processo de produção da subjetividade, como invenção de si. Além disso, a invenção de si tem como correlato simultâneo e recíproco, a invenção do próprio mundo” (KASTRUP, 2005, p. 1277). E é o que iremos conferir agora.

### 3. O encontro com a cidade

No começo de 2014, havíamos recebido um convite para participar do Festival À Corps de dança e performance em Poitiers (FR). Dadas as circunstâncias, propusemo-nos a elaborar, a partir dos nossos encontros, um material que posteriormente viesse a ser a oficina Entrespaços, que seria oferecida em Poitiers. Esta oficina, de modo geral, iria conjugar várias de nossas experimentações.

Realizamos, então, cinco encontros entre fevereiro e março daquele ano, sendo orientados pelas questões que a cidade nos colocava. Os encontros foram organizados da seguinte forma:

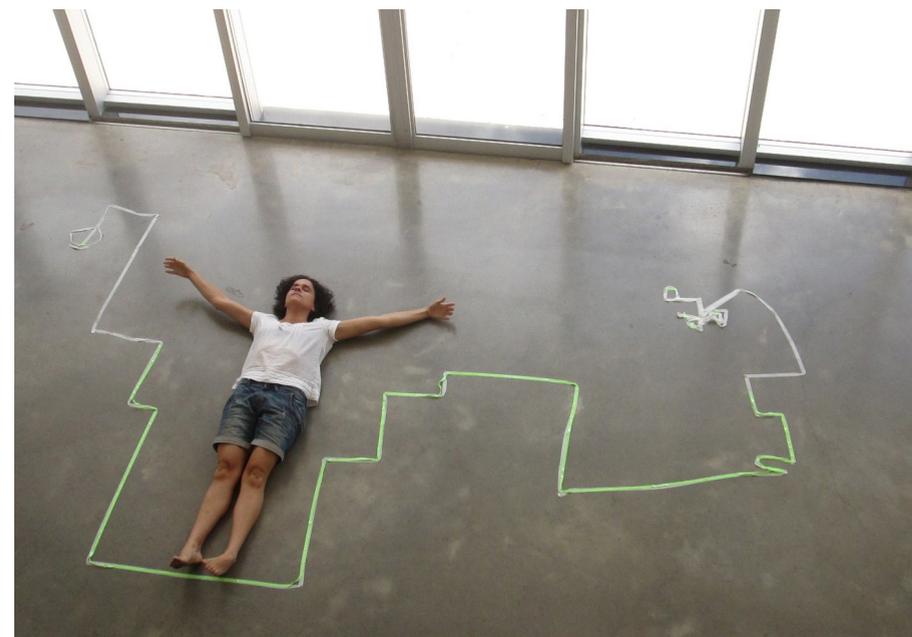
a) primeiro encontro ou “O Caminho das Pedras”: Oficina realizada no jardim da Escola de Música da UFMG. Foram trabalhados alguns jogos teatrais de ocupação de espaço, explorando elementos como a percepção e a consciência corporal. Nesse dia, trabalhamos com algumas pedras. Em duplas, um parceiro colocava algumas pedras em partes do corpo do colega, a fim de trazer-lhe uma nova atenção para aquele ponto. Territorializar nossos corpos a partir das pedras e de seu peso e temperatura, demarcar com elas alguns pontos – centros de atenção. Os participantes compuseram também imagens a partir da seguinte provocação: se vocês fossem um ponto turístico da cidade, como seria o seu cartão-postal?;



Img. 1 Primeiro Encontro ou O Caminho das Pedras. Fonte: arquivo dos autores, 2014

b) segundo encontro ou “Os Ritmos Cotidianos”: Oficina realizada no saguão do Centro de Atividades Didáticas 2 (CAD2) da UFMG. Durante as atividades, fizemos alguns exercícios corporais da Yoga, alongamentos e em seguida trabalhamos com fitas adesivas, traçando no chão a trajetória que tínhamos desenhado pela cidade desde o momento de acordar até aquele encontro. Esse era um exercício para trabalharmos a memória, para lançar luz à mobilidade e aos lugares de passagem. Em seguida, traçamos com fitas adesivas coloridas os trechos que atravessamos desacelerados, pensando também nos ritmos que imprimimos em nossas travessias pela cidade;

Img. 2 Segundo Encontro ou Os Ritmos Cotidianos. Fonte: arquivo dos autores, 2014

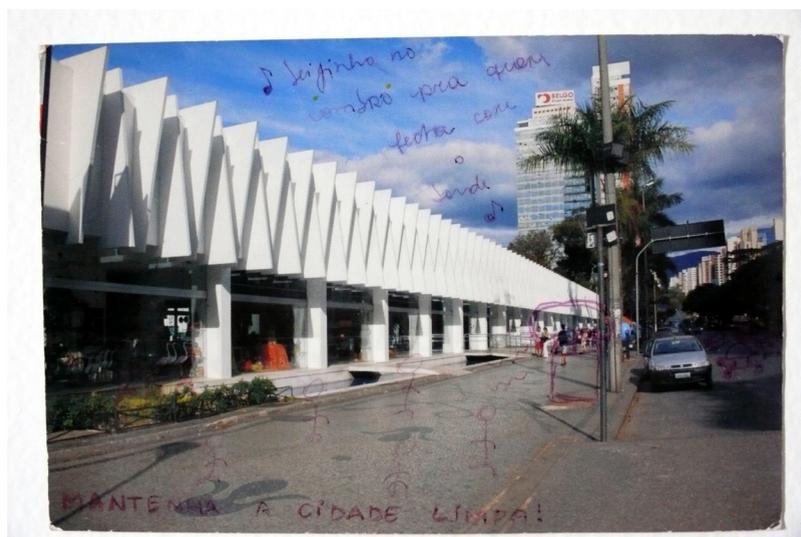


c) terceiro encontro ou “A Cidade Habita Memórias”: Oficina realizada no centro da cidade de Belo Horizonte. Neste dia, recebemos um mapa retirado do aplicativo Google Maps, que delineava a seguinte cartografia: Região Hospitalar, em Santa Efigênia, Parque Municipal, Av. Afonso Pena, Praça Sete e Praça da Estação. Essa deriva seria guiada pelas memórias suscitadas por esses espaços, além de identificarmos neles, por meio de cores colocadas nos mapas individuais, seus pesos e levezas;

Img. 3 Terceiro Encontro ou A Cidade Habita Memórias. Fonte: arquivo dos autores, 2014



d) quarto encontro ou “A Cidade-Mercadoria dos Cartões Postais”: Oficina realizada no centro da cidade de Belo Horizonte. Nós nos encontramos no Centro Cultural da UFMG (CCult) e, ali, recebemos a orientação de que deveríamos encontrar algum Cartão Postal e verificarmos, na cidade, a correspondência dessas imagens com as realidades que encontraríamos;



Img. 4 Quarto Encontro ou A Cidade-Mercadoria dos Cartões Postais. Fonte: arquivo dos autores, 2014

e) quinto encontro ou “Teias Urbanas”: Oficina realizada no CCult UFMG. As atividades, desse dia, consistiram em jogos teatrais em uma sala do Centro Cultural, onde trabalhamos a relação com o outro a partir de caminhadas coletivas e em duplas. Um momento de pensar em como agem as coletividades. No segundo momento, tínhamos alguns novelos de lã que serviram de dispositivo para desenhar no espaço nossos trajetos afetivos, enrolando-nos uns aos outros e a outras pessoas e coisas na praça Rui Barbosa.

De um modo geral, o que foi possível perceber, foi que estes cinco encontros não só reuniam elementos centrais de nossos questionamentos – peso-leveza, ritmos, memórias, cidade-mercadoria, entrelaçamentos – como os colocavam em relação. Era comum, inclusive, de uma oficina ser uma resposta às questões que tinham surgido na semana anterior. Como vemos, “a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção” (BONDÍA, p. 19, 2002). E, ao longo desses encontros, compartilhávamos a sensação de que o espaço das oficinas proporcionava um contra-fluxo no ritmo cotidiano com o qual estávamos acostumados, ou seja, era uma interrupção, uma abertura para a experiência e produção de conhecimento sobre nós mesmos e a cidade. A partir dessas vivências, em reunião, discutíamos o que havia

[4] Uma das integrantes da pesquisa, Mariana Rosa Soares (à época, acadêmica de Psicologia da PUC Minas), confeccionou um caderno artesanal onde colocávamos nossos registros de sensações e percepções de pesquisa. A cada semana, esse Protocolo ficava sob responsabilidade de algum dos membros do Coletivo.

[5] O Tumblr se configurou como mais um espaço de inscrição dos nossos trajetos e afetos: <http://entrespacos.tumblr.com/>.

[6] Entrevista realizada por Joaquim Barbosa (2010, p. 91), em Brasília, no Encontro da Associação Francófona Internacional de Pesquisa Científica em Educação (Afirse), cujo tema central são os diários de pesquisa ou jornais de pesquisa como Remi Hess coloca, e que segundo ele “ajuda a objetivar a subjetividade. Isto é, uma vez que descrevem emoções no seu jornal, toma-se distância em relação a elas.”

acontecido, registrávamos nossas impressões em um Protocolo [4], uma espécie de diário de campo coletivo, e produzimos um registro virtual através do Tumblr [5], que pudesse servir de plataforma de comunicação e divulgação do nosso processo de pesquisa e criação.

Em entrevista sobre o Diário de Pesquisa enquanto método de pesquisa qualitativa, Remi Hess (2010) [6] afirma que a escrita é uma forma de objetivar o que está em nossa subjetividade, e também uma maneira de nos organizarmos, de produzirmo-nos a partir de uma escrita instituinte e inventiva. A escrita é uma forma de produção de si e também uma tecnologia para construir momentos, um exercício do pensamento:

*achei difícil ver a leveza. A leveza é quando se desliga a política? Mas, tem como? A leveza é a arte? Mas arte é política também. Arte também pesa. Muito difícil a tarefa. A leveza fica nas árvores e flores do espaço. Nas pessoas não. As pessoas são pessoas-políticas e aí vem o peso. O peso político de ser espaço. Pensei mais e na verdade a leveza pode ser política também. A desaceleração. Ir de encontro com a rapidez que o capitalismo demanda. Seguir o ritmo do próprio corpo, sentir o ritmo do próprio corpo, negar a correria. Ainda assim, difícil ver a leveza.*  
(Trecho retirado do Protocolo, 2014, escrito por Helena Godoy)

#### 4. A oficina entrespaços: do plano à ação

Lentamente, ao longo dos encontros, foi sendo construído um formato que pudesse trazer tanto as questões da cidade que propúnhamos, quanto a questão do corpo e do sujeito. Chegamos a um modelo de Oficina que era composto de dois momentos: o primeiro, podendo ser executado ao ar livre ou em um ambiente fechado, era composto de exercícios de sensibilização e consciência corporal, buscando trabalhar com os participantes as relações do sujeito consigo, seu corpo, com os outros presentes e com o espaço. Para isso, lançávamos mão de jogos cênicos, exercícios de respiração e de percepção do espaço através do deslocamento em diferentes ritmos, planos e agrupamentos de pessoas – agrupamentos esses que poderiam ser feitos a partir do olhar, apenas, ou de contato físico. Outros elementos também foram utilizados como disparadores nessa sensibilização, como pedras e cartões postais, que convidavam a pensar a cidade e invocar memórias, mapas e corpos permeados por afetos.

Em áreas externas, na rua, em alguma praça ou espaço público, é que era realizado o segundo momento de nossa proposta. Colocar aqueles corpos movimentados pela cidade na cidade, e imprimir, ali, sua presença. A transição entre um momento e outro era feita através de um exercício de cardume. Como imprimir na cidade a presença daquilo que era um grupo? Inspirados pelos primeiros exercícios de deriva realizados no centro da cidade, propúnhamos que os participantes saíssem agrupados feito um cardume de peixes, próximos, todos sob

o mesmo ritmo, que podia ser modificado – a qualquer momento – por qualquer integrante do cardume, assim como a direção. Em algum momento chegaríamos ao espaço destinado à segunda parte da vivência.

A relação que buscávamos estabelecer com o espaço era, outra vez, mediada por elementos e vivências que tínhamos experimentado em nosso “laboratório” Entrespaços, entre derivas e exercícios propostos. Traçar as trajetórias diárias com fitas adesivas em outros terrenos, e, a partir delas, perceber nossos ritmos e direções, era uma das propostas desse segundo momento externo, assim como um exercício de improvisação corporal com lãs coloridas. Trechos da obra *Cidades Invisíveis* de Italo Calvino eram usados como disparadores de questões.

*Se quiserem acreditar, ótimo. Agora contarei como é feita Otávia, cidade-teia-de-aranha. Existe um precipício no meio de duas montanhas escarpadas: a cidade fica no vazio, ligada aos dois cumes por fios e correntes e passarelas. Caminha-se em trilhos de madeira, atentando para não enfiar o pé nos intervalos, ou agarra-se aos fios de cânhamo. Abaixo não há nada por centenas e centenas de metros: passam algumas nuvens; mais abaixo, entrevê-se o fundo do desfiladeiro. Essa é a base da cidade: uma rede que serve de passagem e sustentáculo.*  
(CALVINO, 1990, p. 71)

Todo esse processo de experimentação e formação da oficina havia surgido da demanda de nossa participação no Festival À Corps. Entretanto, antes de levá-la ao festival francês, percebemos a necessidade de aplicá-la, primeiro, no território que nos era próprio, que tinha recebido nossas memórias e sido trabalhado intensamente durante o processo de criação – Belo Horizonte, nossa cidade. Uma versão experimental foi então realizada em 31 de março de 2014 com alunos da graduação em Psicologia da UFMG, e uma integrante do Coletivo LIO de intervenção urbana.

Durante uma tarde, a oficina foi feita no espaço do Centro Cultural da UFMG, na Praça da Estação e seu entorno. Participaram cerca de 20 pessoas, entre proponentes, alunos e transeuntes que pouco a pouco iam se inserindo na oficina de alguma maneira. Foi interessante perceber a porosidade desse espaço aos novos usos propostos. Apesar da grande reforma urbanística que contribuiu com um processo de gentrificação a Praça da Estação em 2003 (SILVA, 2008; NOGUEIRA, 2013) e das constantes tentativas da Prefeitura de Belo Horizonte em esvaziá-la de ocupações, memórias ou corpos que não estejam dispostos a consumir aquele local tal como determinado (JESUS et al, 2010), não tivemos problemas ao realizar a oficina ali. Saímos e deixamos nossos rastros e ritmos no chão da Praça, como não poderia ser diferente.

Img. 5 Oficina Entrespaços CCULT-UFMG. Fonte: arquivo dos autores, 2014



Talvez não devêssemos ter nos surpreendido tanto quando encontramos um modelo de praça bem similar à Praça da Estação na cidade em que foi realizado o Festival À Corps, Poitiers. Intencionalmente, levamos a segunda parte da oficina para ser realizada ali.

Nessa ocasião, a vivência foi pouco adaptada, mas dividida em dois dias de trabalho, nos dias 15 e 16 de abril de 2014. No primeiro dia a oficina aconteceu no Anfiteatro da Universidade de Poitiers, onde trabalhamos alguns jogos de ocupação de espaço. O exercício com as pedras também foi feito; na parte externa do anfiteatro, trabalhamos o corpo-território, o peso e a leveza dos espaços em um jardim.

Tínhamos ali participantes da América Latina, Europa e Ásia. Assim, ao trabalhar o outro, trabalhávamos outro corpo, outro gênero, outras etnias, outras culturas, outras línguas. Como em uma deriva, entregamo-nos às solicitações daquele território e daqueles com quem, ali, nos encontramos. Dessas solicitações, saíram perguntas disparadoras que foram usadas durante as experimentações, principalmente no primeiro dia, em que a questão do sujeito e de seu contato com o outro e com o espaço ficaram mais evidentes. Como minhas raízes influenciam em meus movimentos? Em minhas relações? Como é dizer de um terreno e de uma memória in another language? Minha língua, meu idioma compõe como esse cenário? Como?

Por um equívoco da organização do Festival, não havia sido informado aos participantes inscritos que a proposta da Oficina era de dois dias. Assim, tínhamos pessoas diferentes em cada momento. Por essa razão, ao final da primeira experiência, fizemos uma roda aberta de conversa com os e as presentes, que comentaram sobre o vivido, questionado, e deixaram algumas de suas impressões por escrito em nosso Protocolo. Foi mencionado nesse momento que aqueles que tivessem interesse em participar do segundo dia de Oficina seriam também bem-vindos. Essa interrupção, por assim dizer, fez com que percebêssemos como a estrutura que havíamos montado funcionava como um palimpsesto, que poderia ser vivida como uma linha, com início, meio e fim em uma ordem direta; ou como partes complementares independentes, podendo ser vivida, significada e reorganizada em outra ordem.

No segundo dia, o nosso encontro foi no Théâtre Auditorium de Poitiers (TAP), e ali propusemos o exercício de cardume, que nos levaria até a praça da Prefeitura. Percebemos, ao trabalhar com esse grupo, participantes de um festival de dança e performance, como essa linguagem se fez muito mais presente durante o cardume e suas possibilidades de movimento, para além do ritmo. O grupo jogava, brincava, improvisava com o que estava ao nosso redor: portas de lojas, pessoas, fontes, parapeitos ou muros de igrejas, o próprio chão; aquele corpo coletivo demonstrava-se poroso, cênico, potente experimentando o acaso – essa serendipidade inerente à cidade.

A praça da Prefeitura de Poitiers nos era estranhamente familiar, e assim levamos para aquele espaço as mesmas experimentações que tínhamos proposto em nossa Praça da Estação. Convidamos os e as presentes a marcarem suas trajetórias com fitas adesivas, a colorirem os ritmos, e a, de alguma forma, habitarem, com o corpo, aquelas linhas. Durante esse processo de ocupar a praça com nossas memórias e de dar novos usos àquele espaço alisado fomos interpelados por um agente da Polícia. Apenas após termos explicado que a atividade fazia parte do Festival À Corps, vinculado à Universidade de Poitiers, foi que tivemos sua aprovação para continuar o processo, com a condição de retirar as fitas adesivas do chão ao final da oficina.

Escrevemos, aqui, Polícia tal qual com p maiúsculo não por honrar essa instituição ou o guarda civil que questionava a “sujeira” que fazíamos no espaço público, mas por nos remeter ao conceito de Polícia proposto por Jacques Rancière sendo, para além da instituição policial ou das formas de gestão e de comando, a própria “ordem do visível e do dizível que determina a distribuição das partes e dos papéis ao determinar primeiramente a visibilidade mesma das ‘capacidades’ e das ‘incapacidades’ associadas a tal lugar ou função” (1996, p. 372). Assim, seguindo sua proposta, fazíamos ali um exercício Político de perturbar a ordem Policial, modificando os usos da praça, sua forma de imprimir memórias e vivências, trazendo a seu território o dissenso tão familiar ao urbano, que se torna o que sempre foi “lugar do desejo,

Img. 6 Workshop  
Betweenspaces/Festival  
à Corps – segundo  
dia. Fonte: arquivo dos  
autores, 2014



Img. 7 Workshop  
Betweenspaces/Festival  
à Corps – segundo  
dia. Fonte: arquivo dos  
autores, 2014



do desequilíbrio permanente, sede da dissolução das normalidades e coações, momento do lúdico e do imprevisível” (LEFEBVRE, 2001, p. 77).

Em Poitiers, pensamos ainda em uma última ação do Coletivo. Nossas intervenções naquele espaço tinham de alguma forma sido mediadas pelo Festival À Corps e pela Universidade; ao sermos questionados pela Polícia no episódio da Praça da Prefeitura ou no guichê da imigração no aeroporto, eram essas as instituições que nos protegiam e davam respaldo às nossas ações póético-políticas, científicas, artísticas. O desejo de tensionar as relações da cidade extrapolavam essas instituições, e sentíamos a necessidade de um encontro com a Poitiers que estava além delas.

Procuramos bancas de revistas e escolhemos cinco cartões postais turísticos de Poitiers, já era um exercício interessante ler aquele espaço a partir daquela linguagem. Recolhemos ainda postais de alguns dos participantes de nossas oficinas, o que havia sido sugerido na chamada de nossa proposta e que, inicialmente, não sabíamos que fim teriam. Neles escrevemos passagens de *Cidades Invisíveis* que haviam sido trabalhadas durante o processo de criação e execução das oficinas. Em uma deriva noturna, silenciosa e longe da programação de encerramento que acontecia no Théâtre Auditorium de Poitiers (TAP) escolhemos oito residências ao acaso para se juntarem às nossas inquietações. O espaço reservado ao destinatário deixamos em branco, como um convite ao envio daquela poesia provocativa a outros espaços.

## 5. Tecendo espaços porosos

Buscamos por meio dessa oficina – móvel e adaptada às pessoas e ao contexto da cidade onde é ofertada – construir com seus participantes ações dissensuais, experiências sensíveis, que viabilizassem a explicitação de conflitos e tensões que existem na cidade. Assim, a oficina procurou ser um recurso para tensionar a relação espaço e subjetividade, inscrevendo-a no corpo e na cidade que vive e pulsa.

Em seu artigo, citado acima, sobre oficinas estéticas e artísticas na cidade de Florianópolis, a pesquisadora Andrea Zanella marca como potente nessas oficinas o encontro com o outro. São momentos que, conforme a intensidade dos encontros, em compassos alinhados ou desalinhados, desvelam aos participantes outros territórios antes desconhecidos. As oficinas estéticas na cidade podem gerar processos de experimentação, e “relações diferenciadas, pautadas na sensibilidade do contato. Essas relações estéticas abrem possibilidades para novos trilhos que podem vir a ser percorridos” (ZANELLA et. al., 2014, p. 229).

Na prática acadêmica, frequentemente, nos encontramos com a dificuldade na costura entre ensino, pesquisa, extensão. Esses novos trilhos que podem vir a ser percorridos estendem-se também nesse sentido. Percebemos a construção dessa metodologia e dessas práticas acadêmicas que dialogam de diferentes formas com a extensão e com as práticas de resistência, como um fazer contínuo, um exercício, assim como a horizontalidade em seu processo.

Img. 8 O caminhar. Fonte: arquivo dos autores, 2014



Tendo em vista a potência do encontro, a oficina Entrespaços buscou propiciar entre seus participantes um espaço de intercâmbio, troca e compartilhamento acerca das cidades que nos habitam. Procuramos estabelecer outra relação com o que está a nossa volta, proporcionando, por meio de um jogo lúdico e experimental, reflexões e ações que despertem outros sentidos éticos-estéticos-políticos do habitar e estar na cidade.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Joaquim Gonçalves. Conversando sobre “O diário de pesquisa” – entrevista com Remi Hess. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. **O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo**. Brasília: Liber Livro, 2010.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online], n. 19, 2002, p. 20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COVERLEY, Merlin. **Psychogeography**. Harpenden: Pocket Essentials, 2010.
- FORTUNA, Carlos. Imaginando a democracidade: do passado da sociologia para o futuro da cidade. In: LEITE, Rogério Proença (Org.). **Cultura e vida urbana: ensaios sobre a cidade**. São Cristóvão: Ed. UFS, 2008.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- JESUS, Cláudio; SANTOS, Igor; NOGUEIRA, Maria Luísa; SOARES, Rafael. A Invisibilidade do óbvio: política na praça pública. **Encontro Nacional e Estudos Populacionais**, Anais, 2010. Disponível em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2010/docs\\_pdf/tema\\_3/abep2010\\_2547.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2010/docs_pdf/tema_3/abep2010_2547.pdf). Acesso em 28/08/2010.
- KASTRUP, Virgínia. Políticas cognitivas na formação do professor: o problema do devir-mestre. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, 2005, p. 1273-1287. Disponível no site: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27279.pdf>.
- KOFMAN, Eleonore; LEBAS, Elizabeth. Lost in transposition – time, space and the city. In: LEFEBVRE, Henri. **Writings on cities**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008 [1972].
- LEFEBVRE, Henri. **O Direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- NOGUEIRA, Maria Luísa M. **Espaço e subjetividade na cidade privatizada**. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências/Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- PRADO FILHO, Kleber & MARTINS, Simone. A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). **Psicologia & Sociedade**, vol. 19, n. 3, set/dez 2007. Disponível no site: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n3/a03v19n3.pdf>.
- RANCIÈRE, J. O dissenso. In: NOVAES, Adauto. **A Crise da Razão**. Brasília, Cia das Letras, 1996. p. 367-382.

SILVA, Regina Helena A. Cartografias urbanas: construindo uma metodologia de apreensão dos usos e apropriações dos espaços da cidade. **Caderno PPG-AU/FAUFBA**, número especial, 2008. p. 83-100. Disponível no site: [http://www.atlas.ufba.br/visoes\\_urbanas\\_2008/Cadernos\\_atlas\\_reginahelena.pdf](http://www.atlas.ufba.br/visoes_urbanas_2008/Cadernos_atlas_reginahelena.pdf).

TAVARES, Gonçalo M. **Breves Notas Sobre Ciência**. Ed. Relógio D'água, 2006.

ZANELLA, A.; BRITO, R.; CARVALHO, R.; ROZENFELD, T. O projeto ArteUrbe: tecnologia e produção de subjetividade. **Rev. Polis e Psique**, vol. 4, n. 3, 2014, p. 217-233. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/44998>.

ZANELLA, Andrea. Ciência, Pesquisa e Interdisciplinaridade. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, vol. 4, n. 6, jan/jul. 2012. p.11-23. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/view/214>.

- \* **Maria Luísa Nogueira** é mestre em Psicologia Social/UFMG; doutora em Geografia/UFMG; Professora do departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.
- \* **Jardel Silva** é mestre em Psicologia/UFSC; doutor em Psicologia/PUC São Paulo; professor do departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Faculdade de Educação da UFMG.
- \* **Deborah Oliveira** é graduanda em Psicologia/UFMG.
- \* **Filipe Souza** é graduado em Psicologia/UFMG.
- \* **Gabriela Faria** é graduada em Psicologia/UFMG.